

---

**O Aluno Trabalhador e os Meios de Comunicação,  
Numa Perspectiva Pedagógica**

Já se tornou lugar-comum afirmar que a contemporaneidade tem sido marcada pelas profundas transformações nos meios e modos de produção de bens materiais e simbólicos, levadas a cabo pela revolução tecnológica em curso, especialmente no que diz respeito às telecomunicações, associada à informática e a outros instrumentais.

A preocupação com as novas tecnologias de comunicação e informação tem muitas razões. A principal é o fato de estarem incorporadas ao cotidiano de bilhões de pessoas no mundo inteiro. Em certos horários, afirmam os especialistas, o planeta Terra emite, em forma de ondas telecomunicativas, mais energia que o Sol. É cada vez mais aceita a opinião de que as tecnologias de comunicação não só revolucionaram os hábitos sociais de comunicação como agilizaram o tráfego e o acesso às mais diversas informações, firmando-se como os principais instrumentos de difusão de conhecimento do século XX.

Discutir essa questão nas suas relações com a Escola, em particular aquela dedicada ao ensino no período noturno, é tarefa bastante complicada. É necessário transitar pelas interfaces conceituais estabelecidas entre as diferentes tecnologias de difusão

'Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP, radialista de Comunicação Social habilitado em Televisão.

cultural hoje disponíveis na sociedade - incluindo a Escola -, o mercado de capital e trabalho e as possibilidades de novas práticas de educação de jovens e adultos trabalhadores advindas desse diálogo.

Na Escola noturna aparecem com maior intensidade as tensões provocadas pela coexistência pouco pacífica da Educação convencional e das novas tecnologias. A Escola noturna está voltada ao atendimento de uma clientela com características e interesses específicos, estreitamente ligados às transformações operadas pela revolução tecnológica em andamento. Ao ignorar ou retardar a incorporação dessas tecnologias, ela torna questionáveis seus próprios propósitos educativos.

O público dessa Escola, estando engajado num mercado de trabalho cada vez mais competitivo e seletivo pela rápida absorção das novas tecnologias, demanda um tipo "especial" de Educação.

É comum a reclamação sobre o fato de a revolução tecnológica, paradoxalmente, ter estabelecido uma espécie de vácuo metodológico no projeto político-ideológico da Educação ocidental contemporânea. A Pedagogia já não pode ser tecnicista, como querem algumas propostas educativas, nem conteudista, como pretendem outras.

A revolução tecnológica, ao interferir e alterar os modos e meios de produção de bens materiais e simbólicos, acirrou as contradições ideológicas estruturais do modelo econômico ocidental. Passou, assim, a exigir profissionais e, sobretudo, cidadãos aptos a "pensar" diferentemente da maneira tradicional, que devem possuir, entre outras qualidades, facilidade para lidar e colocar em diálogo as inteligências "humana" e "artificial", habilidades intelectuais para a resolução de problemas, destreza na localização de dados, autonomia de escolha e de síntese crítica.

Porém, habilitar o cidadão a pensar dessa maneira significa, em última análise, instrumentalizá-lo ao questionamento mais profundo das contradições das realidades socioeconômicas. Nessas circunstâncias, questionar o modelo liberal de Educação é bem mais difícil do que nos parece à primeira vista.

O aluno trabalhador necessita adquirir autoconfiança para liderar o processo educativo, isto é, precisa saber escolher, num universo de informações em expansão, quais são as informações competentes, onde buscar as melhores opções de acesso a elas e, principalmente, como as ordenar logicamente. Para que isso ocorra, não basta dominar mecanismos e equipamentos sem compreender sua lógica, ou armazenar muitos dados sem saber interagi-los com as exigências do cotidiano, tarefas programadas para as próprias máquinas executarem de maneira cada vez mais eficiente.

A interface entre a resolução tecnológica em curso e a Educação exige que tenhamos atenção e cautela, especialmente por se tratar de uma discussão em grande parte hipotética. Mesmo estando relativamente afastados do epicentro desse fenômeno, embora atingidos por seus reflexos e conseqüências pouco otimistas, devemos criticar as tendências do mundo atual a fim de projetá-las rumo a um futuro a priori rigorosamente imprevisível. Visto por esse prisma, podemos considerar

privilegiados. Está colocada a possibilidade de elaborar a incorporação das novas tecnologias ao nosso projeto educacional, sem repetir os equívocos conceituais cometidos por nossos precursores.

Nos limites deste breve artigo, na perspectiva de contribuir e somar esforços à discussão, pretendo pontuar algumas variáveis interdependentes que, creio, afetam diretamente o dia-a-dia escolar e as perspectivas profissionais do estudante trabalhador. Estas preocupações, surgidas ao longo de minha experiência teóricoprática com a televisão, e também como tecnologia educacional no ensino superior(2), serão discutidas de maneira mais ampla, cabendo ao professor da Escola noturna traduzi-las ao seu cotidiano profissional.

A primeira dessas variáveis aponta para os aspectos da Escola entendidos como tecnologias de comunicação e difusão cultural. A segunda diz respeito às modificações nos modos de intercâmbio simbólico, fenômeno socioeconômico-cultural precipitado pelos meios de comunicação e de processamento de dados, dando ênfase à linguagem audiovisual. A terceira refere-se ao tipo de crítica que algumas vertentes teóricas costumam dispensar ao assunto. A necessidade de se fazer "metacrítica" pode ser um dos caminhos capazes de revelar algumas saídas para o impasse da Educação por meios tecnológicos.

Para concluir, indicarei alguns exercícios que tenho aplicado, seguindo as pistas advindas da problematização dessas conseqüências sociais impostas pela mídia. Não restam dúvidas de que outro caminho necessário é o da experimentação prática.

É preciso não temer a utilização dos meios audiovisuais em sala de aula, procurando descobrir, bem como sistematizar e divulgar nos foros públicos de debate, outras de suas possibilidades de aplicação. A discussão e a crítica de pequenas experiências têm sido a maneira de se elaborar um projeto educativo mais consistente para a pedagogia da comunicação por meios audiovisuais.

Parto do princípio de que a natureza da Educação reside na capacidade humana de se comunicar, isto é, de produzir, dialogar, compreender, armazenar, transmitir, criticar e rearticular o conjunto das informações acumuladas. Educar, nesse sentido, é satisfazer condições de comunicação, capacitando o outro a desvelar, interagir e reinterpretar o repertório de seu interlocutor.

Se concordarmos com PEÑALOZA, quando afirma que "tecnologia educativa é um conjunto de procedimentos, técnicas e instrumentos empregados para a realização de uma concepção educativa"(3), aplicar a expressão **tecnologia educativa** no sentido de utilização de máquinas como instrumentos pedagógicos não é de todo preciso.

3 Walter PEÑALOZA Por uma tecnologia educativa humanista. In: Uso e abuso da tecnologia educativa. p.77. 2 Pesquisa desenvolvida para Dissertação de Mestrado no Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: Supervisão e Currículo, da PUC/SP, orientada pela Profª Dra. Ana Maria SAUL.

O conceito de tecnologia abrange o somatório das estratégias e ações concebidas como modos de produção, associado aos instrumentais e equipamentos, isto é, aos meios empregados para se consubstanciar uma dada cosmovisão. Nele estão incluídas quaisquer formas de representação, sejam verbais, não-verbais, sejam outras maneiras de codificação.

Nesse aspecto, nenhuma tecnologia é politicamente neutra. Pelo emprego de diferentes tecnologias tem sido possível a materialização de ideologias diversas, socialmente compactuadas ao longo de determinados lapsos históricos. A dialética das escolhas dessas ou daquelas tecnologias, enfim, define e delimita um tipo característico de práxis política.

A Escola, como tecnologia de uma concepção de Educação historicamente situada, também pode ser considerada como tecnologia de comunicação, na medida em que suas estruturas física e simbólica estão arquitetadas para a difusão de ideais, conceitos de realidade e formação de opinião pública em larga escala, imperativos de quaisquer meios de comunicação contemporâneos.

Porém, o processo educativo é sempre mais amplo que aquele operado nos limites da Escola. Ele se consolida ao longo das ininterruptas trocas de informação, nas interações vivenciadas na dinâmica do convívio social, na dialogicidade das relações interpessoais ou institucionais.

De certa forma e em grande medida, a propalada "crise de identidade" pela qual passa a Educação em geral e a Escola em particular pode ser atribuída à capacidade "pedagógica" embutida nos meios de comunicação de massa. No cerne dessa crise está a proliferação, para além do modelo escolar, de complexas fontes produtoras e reprodutoras de informação, impondo novas estratégias dialógicas ou de comunicação às interações sociais de produção, difusão e armazenamento do saber e da cultura.

Entre os elementos que perpassam essa crise está o fato de a Escola, entendida como meio de comunicação, ter perdido sua principal função - a transmissão de informações -, quando deixou de ser o meio privilegiado de acesso ao conhecimento acumulado ou em processo de elaboração.

Com a institucionalização da chamada Indústria Cultural<sup>(4)</sup> - conglomerados de empresas jornalísticas, cinematográficas, radiodifusoras e editoriais -, concebida como novo ramo de atividade da produção e difusão de bens simbólicos, o processo de aquisição de conhecimento e formação de opinião vem experimentando radicais transformações. A consciência das e sobre as coisas passou a ser afetada em todos os seus sentidos e sentimentos, mas sobretudo nos seus meios e modos de comunicação.

Inaugurando a "era das comunicações", a Indústria Cultural vem transformando a intersubjetividade das relações de comunicação, pela sistematização de inusitadas

4 Sobre esse assunto, ver Theodor W. ADORNO, *Communications*, 1964.

formas discursivas e pela socialização de sofisticados meios de difusão dessas novas formas.

As novas tecnologias de comunicação, ao rearranjarem as maneiras de interpretar e representar os elementos da realidade, interferiram e repropuseram o percurso das relações comunicológicas socialmente estabelecidas.

A Indústria Cultural se especializou no desenvolvimento da chamada "cultura de massa"<sup>(5)</sup> largamente irradiada por poderosos sistemas de representação que conjugam múltiplas linguagens, em diferentes níveis de complexidade e interação, amalgamando ludicamente arte, ciência, técnica e tecnologia em formas verbo-audiovisuais animadas".

Nesse novo contexto, os modelos pedagógicos disponíveis, cujos referenciais teórico-metodológicos foram quase todos desenvolvidos antes do advento das telecomunicações, tornaram-se cada vez mais anacrônicos - alguns até absurdos -, justamente porque não incorporaram os elementos das novas realidades comunicológicas.

De imediato acusado de colocar em crise o chamado "mundo letrado", especialmente por contribuir com a "deseducação" do hábito de leitura e de escrita, esse vaticínio situou a Indústria Cultural como concorrente da Escola, difusora desse mundo. Dando início ao litígio entre duas tecnologias de comunicação teoricamente complementares, esse tipo de julgamento até hoje perturba o entendimento do conceito de meios de "comunicação" e do de "educação".

A partir desse litígio, os novos referenciais teóricos vão em duas direções opostas. A primeira é a de negar a tecnologia como um todo, com base na conclusão de que ela modificou (geralmente para pior) a qualidade das relações humanas. Os que tomam essa direção não raro tratam a tecnologia como se fosse a vilã das contradições socioeconômicas impostas pela alienação do trabalho ao capital ou ao Estado. A segunda, acrítica e ufanista, ao ignorar ou sublevar as contradições estruturais impostas à tecnologia, defende a incorporação dos novos equipamentos considerados "didáticos", sem levar em consideração as alterações paradigmáticas neles embutidas, como se fossem os "salvadores" da crise pela qual passa a Educação.

Desconsiderando o fato de que os meios de comunicação criaram gigantescas redes de informação, veias por onde trafegam dados, lógicas, razões e propósitos socioculturais que alteraram nossas relações de comunicação, as escolas, mesmo as "bem-equipadas", transformaram-se numa espécie de "elefante branco".

Com o desenvolvimento e a sofisticação dos meios de comunicação tudo ficou muito rápido, prático, acessível a um toque de botões.

5 Ver Umberto ECO, Apocalípticos e integrados.

As fronteiras geográficas vão perdendo sentido, quanto mais rápido se pode estar em qualquer lugar. O desconhecido se materializa em imagens "quase reais".

Atualmente, o caráter interativo dos novos equipamentos multimídias tornou possível colocar em contato direto e recíproco indivíduos isolados geograficamente, facilitando o acesso a fontes de armazenamento de dados via satélite. Ao superar certas barreiras físicas e econômicas do trânsito e do acesso ao conhecimento, essas novas formas de comunicação alteraram as noções tradicionais de tempo e espaço.

A Pedagogia não se deu conta de que, diferentemente do mundo letrado, no mundo audiovisual tudo é ávido, sincrônico, polifórmico, globalizante e sedutoramente ideológico. Quase todos os lugares do planeta já foram submetidos à varredura de algum tipo de registro imagético. Sua especialidade é capturar o olhar, entreter e, ao distrair pelo excesso, relaxar a consciência crítica.

Na cultura de massa, a palavra escrita saiu do exclusivo domínio literário, tornando-se oníricas imagens de TV, cinema ou computador. A imaginação ampliou seus horizontes. Painéis luminosos vão coexistindo com as folhas de papel. Neles, a palavra resplandece de sentido "pós-letrado".

Os meios de comunicação, para desespero dos defensores da cultura letrada(6), cultura que nunca conseguiu ser efetivamente de massa, simplesmente modificaram os hábitos de leitura e de escrita. Criaram novas necessidades de "leitura" e outras maneiras de "escrita". Atraentes "livros eletrônicos", objetos luminosos e sonoros, onde tudo pode ser informado (nos sentidos de dar forma e de portar uma informação), passaram a ocupar lugares de destaque nos processos sociais de representação simbólica.

A palavra escrita não morreu. Ao contrário, ganhou novas relações e complexidades, registradas em novos suportes técnicos.

Para os atuais articuladores de outras maneiras de educar, tornou-se fundamental compreender que no mundo letrado, hegemônico nas elites até meados da sociedade industrial do século XIX, o contexto da comunicação pode ser descrito pela adoção de um tipo de "consciência unidimensional". Essa consciência é formada por uma lógica encadeada que, de maneira geral, intenta discursar sobre os processos, conceituando e dissertando em linha, com início, meio e fim. Nela o sujeito deve percorrer contextos de encadeamentos teleológicos, isto é, lógica operativa que persegue um fim último: a conclusão.

No mundo audiovisual, característico das sociedades ditas pós-industriais deste final de século, o sujeito "navega" em busca de rotas possíveis, a partir de algumas poucas orientações.

°É sabido que dois terços da população mundial, especialmente a de cultura oriental, articulam seus códigos de representação "escrita" diversamente da lógica do código fonético-alfabético ocidental. Mesmo nos limites do Ocidente, os elevados índices de analfabetismo ou semi-analfabetismo impossibilitam a massificação da cultura letrada.

Definido sobretudo pela "consciência multidimensional", nele são privilegiados os processos, os contextos de encadeamentos labirínticos, isto é, lógica operativa na qual são fornecidos fragmentos de discursos, distribuídos a distância em várias direções e sentidos, por múltiplos meios de comunicação.

Nesse novo contexto comunicológico, a concretude da imagem, ideologicamente arquitetada para refratar seus fins, apenas aponta, subentende, idexaliza os fatos, montando e remontando mosaicos de informações precárias, aptas a serem decifradas e reinterpretadas.

O "leitor" atual é obrigado a percorrer a esmo labirintos de signos aparentemente desconexos, compreensíveis somente quando relacionados.

O desafio da Pedagogia, preocupada em consolidar senso crítico, é aprender e ensinar a transitar por esses emaranhados de linguagens, aperfeiçoando a capacidade de saber "ler", além da palavra escrita, uma multiplicidade de sons, cores, volumes, texturas e movimentos recortados pelos enquadramentos das imagens.

A Pedagogia deve redescobrir maneiras de ensinar a pensar sobre o pensar. Afinal, estamos cada vez mais convencidos de que, antes de alcançar a abstração da palavra escrita, o pensamento é puro som e imagem.

À Escola, enquanto agente de comunicação, está designado elaborar e difundir socialmente esses novos modelos cognitivos, estimulando no aprendiz a capacidade de autodisciplina para ir além da seleção, incursão, digestão e inter-relação dos conhecimentos específicos que escolheu dominar. A Escola deve fornecer os instrumentais lógicos que habilitem o cidadão a dominar a lógica dos instrumentais, isto é, colocar à disposição de sua clientela os meios e modos de produção simbólica compatíveis com seu tempo.

Para tanto, é necessário que o professorado busque capacitar-se às novas práticas pedagógicas.

Tendo em mente que inexistem, pelo menos por enquanto, um projeto educativo acabado que incorpore e responda às demandas da revolução tecnológica em curso, um bom começo é procurar estudar o que já foi escrito sobre o assunto. Hoje dispomos de pouca bibliografia acerca das interfaces entre Comunicação, Educação e Tecnologia, porém contamos com vasta coletânea abordando cada tema específico. Interagir essa massa crítica tem sido o desafio dos pesquisadores preocupados com a Educação contemporânea.

O primeiro passo é estudar alguns manuais de utilização da TV e do vídeo, incluindo os que acompanham os aparelhos. Existem bons livros, bastante simples e acessíveis, sobre técnicas de gravação e reprodução de sons e imagens videográficas.

Procurar dominar os equipamentos disponíveis na Escola é pressuposto para qualquer prática mais eficiente. Incentivar os alunos a utilizá-los, também.

Qualquer programa, incluindo os anúncios publicitários, pode render excelentes exercícios escolares.

Há vários níveis de intervenção pedagógica, desde a leitura crítica dos meios até a elaboração de trabalhos multimídias.

Discutir o programa nas suas relações históricas, geográficas, econômicas, folclóricas, políticas etc., tanto do ponto de vista ideológico mais geral quanto do da disciplina específica, é a forma mais simples de utilização da TV em sala de aula.

Lembre-se de que em nenhuma outra época os adolescentes dominaram tantos assuntos, em diferentes níveis de complexidade, como os de agora. Certamente seus avós, com a idade deles, nas suas escolas, não tinham acesso às noções de economia, geopolítica, história, artes, ciência, medicina e outros assuntos corriqueiros dos jornais, rádios e televisões de hoje.

A partir da proposta de um tema, surgido da audiência de um programa, requeira dos alunos pesquisa mais aprofundada sobre os antecedentes, os desdobramentos e as relações com temas afins. Para tanto, use pesquisa de opinião, clipping<sup>(7)</sup>, registros iconográficos ou outras estratégias associadas ao levantamento bibliográfico para subsidiar o trabalho.

Solte a imaginação e encontre formas lúdicas de explorar pedagogicamente as riquezas poética e política contidas na arte audiovisual. Desafie o alunado a descobrir, saber localizar, organizar o acesso, interpretar e reordenar informações. As melhores posturas analíticas nunca são discursivas. São dialógicas. Portanto, problematize, relativize, provoque a classe a enxergar além do óbvio.

Também é conveniente lembrar que as novas formas de representação audiovisual requerem maneiras próprias de interpretação e análise. Nesse aspecto é necessário cautela e sensibilidade para instigar e conduzir as discussões em classe. É fundamental não fazer da crítica tarefa maçante que, em vez de traduzir as nuances e sutilezas da linguagem, aborreça o público com "análises teóricas" exaustivas. Uma discussão malconduzida pode desestimular o gosto pelo melhor do cinema e da televisão ou, o que é mais grave, o prazer da crítica. Quantos de nós, algum dia, já não fomos "vítimas" de um Machado de ASSIS crivado de análises sintáticas e semânticas mal-aplicadas?

Com base nas discussões e pesquisas, proponha que o programa gerador do trabalho seja "refeito" de forma dramatizada em sala de aula.

Outra série de exercícios pode ser feita suprimindo o som ou a imagem da TV. Escolha um programa rico em imagens e retire o som. Induza os alunos à reinvenção" do roteiro sonoro e depois compare. Use trechos de filmes legendados, esconda a

<sup>7</sup> Expressão inglesa que designa o instrumento de comunicação composto pelo reagrupamento temático de notícias recortadas de vários jornais e revistas, visando a proporcionar uma leitura rápida e dirigida.

legenda, solicite a tradução oral ou escrita. A seguir, cheque os resultados revendo o filme, agora com a legenda visível.

Nesta mesma linha podem ser feitos exercícios de dublagem e recriação de trilhas sonoras. Com um gravador cassete, grave o novo roteiro de diálogos ou narração e sincronize com a imagem do videocassete.

A reciclagem de imagens e de sons gera ótimos exercícios. Nesse caso é necessário dispor de dois videocassetes interligados. Com eles é possível, em sala de aula, suprimir, acrescentar ou misturar sons e imagens pré-gravadas. Selecione as fitas que servirão de "banco de imagens" para o tema proposto. Algumas aulas antes solicite a execução do roteiro para as gravações, escolhendo as falas de umas fitas e as imagens de outras, a fim de repropor a ordem e o sentido dos programas, sempre discutindo e questionando as razões das escolhas. Depois disso, monte o novo" programa.

Se a Escola dispuser de câmera de vídeo, os trabalhos poderão ser muito mais interessantes. Com ela o aluno torna-se um verdadeiro comunicador ao executar pequenas peças sobre logradouros, personagens do bairro ou outros temas de seu interesse. Encenações, reportagens, documentários, telejornais, videoclipes são alguns formatos capazes de serem explorados com mínimos recursos técnicos e muita inventividade.

Trabalhos interdisciplinares na forma multimídia podem ser propostos. Desenvolver temas lançando mão de vários recursos simultâneos, como jornal mural, cartilha e folhetos, outdoors grafitados, rádio por alto-falantes, telefone da Escola, televisão e outros recursos disponíveis, certamente mudará as rotinas escolares.

Se falta à juventude, sobretudo à trabalhadora, uma pedagogia dos meios de comunicação de massa que auxilie sua capacidade criativa, lógica e política de interagir informações, buscando transcender suas limitações de cidadania, experimentar possibilidades de comunicação e expressão deveria ser a nova função da Escola contemporânea.

Superar os preconceitos em relação à tecnologia, desfrutando da riqueza do ambiente comunicológico contido nessa revolução, deve ser a "lição de aula" do cidadão em geral e do professor em particular.

Saber aproveitar as vantagens, completar as lacunas e superar as falhas da tecnologia, na perspectiva de auxiliar o educando a decodificar o universo de informações disponíveis, transformando o ensinar, o aprender e o conhecer numa aventura da liberdade, antes de ser responsabilidade pública dos veículos de difusão cultural, é conquista própria daqueles que se dedicam a comunicar saberes como práticas democráticas.